

Narita, Stella  
NOTAS DE PESQUISA DE CAMPO EM PSICOLOGIA SOCIAL  
Psicologia & Sociedade, vol. 18, núm. 2, mayo-agosto, 2006, pp. 25-31  
Associação Brasileira de Psicologia Social  
Minas Gerais, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=309326327004>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

## NOTAS DE PESQUISA DE CAMPO EM PSICOLOGIA SOCIAL

Stella Narita

Universidade de São Paulo

---

**RESUMO:** O presente artigo discute questões teóricas e metodológicas referentes à pesquisa de campo em Psicologia Social. Procura trazer contribuições à pesquisa qualitativa, enfocando especialmente a situação de entrevista e o tratamento dos dados. Utiliza o conceito de *habitus de classe* de Pierre Bourdieu para debater a relação indivíduo-grupo-sociedade, problema teórico-metodológico de fundo, e tema, fundamental para a Psicologia Social.

**PALAVRAS-CHAVE:** psicologia social; metodologia de pesquisa; pesquisa de campo; metodologia qualitativa.

### FIELD RESEARCH NOTES ON SOCIAL PSYCHOLOGY

**ABSTRACT:** This article discusses theoretical and methodological issues related to field research on Social Psychology. Its objective is to contribute to qualitative research, focusing mainly on interview situations and data handling. It relies on Pierre Bourdieu's class *habitus* concept to discuss the individual-group-society relationship, a background theoretical-methodological problem, and a fundamental subject to Social Psychology.

**KEYWORDS:** social psychology; research methodology; field research; qualitative methodology.

---

O presente artigo se propõe a problematizar alguns aspectos teóricos e metodológicos da pesquisa de campo em Psicologia Social. As considerações que se seguem têm como fonte uma pesquisa qualitativa, de caráter etnográfico, em Psicologia Social, e seus desdobramentos, sobre movimentos e grupos sociais, por nós realizada (Narita, 2000) ao longo da segunda metade da década de 1990.<sup>1</sup> Trata-se, portanto, de reformulações teórico-metodológicas que buscam pensar algumas das dimensões psicosociais importantes na pesquisa de campo.

Começaremos considerando aspectos relevantes da escolha e definição do objeto de pesquisa em Psicologia Social, do *locus* e do *tempo* de duração de uma pesquisa de campo. Depois, teceremos considerações sobre a coleta, a análise e o tratamento dos dados da pesquisa de campo, detendo-nos um pouco mais sobre duas importantes questões relativas à qualidade dos dados coletados: a situação de entrevista e a relação *sujeito-objeto*.

#### *Objeto, Locus e Tempo da Pesquisa de Campo*

A escolha de um tema geral de pesquisa precede à escolha de um objeto determinado de estudo. Um tema sempre envolve domínios conexos, interfaces de diferentes disciplinas do conhecimento. É preciso recortá-lo para definir os parâmetros e os limites por onde a pesquisa deverá ser conduzida.

A aproximação do tema *participação*, por exemplo, pode-se dar através de estudos de temas próximos, tais como *democracia, cidadania, direitos humanos, cultura política, exclusão social, valores, violência*, entre outros; sabendo-se que tanto o tema geral, quanto o objeto específico devem ter relevância teórica, e a pesquisa deve trazer contribuições para o campo de estudo, ajudando no avanço do conhecimento.

Mas, após o primeiro momento, de abertura do tema para outros temas conexos, é preciso ir delimitando o campo de interesse para escolher um objeto determinado a ser mais profundamente investigado. A título de exemplificação, em nossa pesquisa de mestrado, tendo como tema geral a participação em movimentos sociais, optamos pelo estudo dos processos psicosociais motivadores da participação.

Assim, definido o *objeto*, o segundo problema a resolver é onde realizar a pesquisa quando se trata de pesquisa com grupos sociais determinados. A princípio, pode-se pensar em soluções práticas, ou seja, realizar a escolha em função da comodidade espacial, elegendo uma região mais próxima do local de moradia do pesquisador. Mas a relevância histórica do *locus* não deve ser desconsiderada. Para tanto, em Psicologia Social, são decisivos os processos históricos e o campo social onde ocorrem os conflitos.

Em relação ao tempo de permanência em campo, questão relevante para a qualidade da pesquisa, de modo geral, é possível afirmar que quanto menos tempo se fica em campo, a visão é tanto mais superficial, e, portanto, a realidade aparece de uma forma mais harmoniosa, menos conflituosa, revelando mais o mundo das representações, das aparências. Quanto mais tempo se permanece em campo, mais torna-se possível aprofundar o conhecimento da realidade estudada e dos conflitos presentes, das ambigüidades entre os discursos e as práticas.

Em uma situação estanque de entrevista, onde o acesso à realidade dá-se apenas pelo discurso, a realidade pode aparecer mais como objeto de desejo do pesquisador e/ou do entrevistado, enquanto que no cotidiano, vivenciando as práticas junto aos sujeitos, aparecem as

dissonâncias e as diferenças entre o dizer e o fazer; aparecem as tensões vividas nas relações sociais.

Definidos o *objeto* e o *locus* de investigação, é possível “sair a campo”. No entanto, como penetrar em mundos por vezes estranhos, onde os conflitos podem ser intensos, sendo a confiança elemento fundamental para o desenvolvimento da pesquisa?

O pesquisador deve procurar conhecer a realidade sócio-cultural, histórica e geográfica da região na qual pretende desenvolver sua pesquisa. Em campo, no entanto, novo problema se apresenta: a necessidade de delimitar melhor o campo de atuação, tanto espacial, quanto temporalmente.

Para a aproximação ao *campo* e aos sujeitos, é importante que se realize uma pesquisa exploratória, na qual temos a oportunidade de estabelecer relações com diferentes sujeitos.

#### *Coleta, Análise e Tratamento dos Dados da Pesquisa de Campo*

A observação do *modus vivendi* dos indivíduos pertencentes a determinado grupo social pode alcançar grande complexidade quando realizamos um estudo etnográfico. Esse tipo de investigação implica investimento qualitativo-subjetivo por parte do pesquisador para estar presente e *conviver* com o grupo – objeto de estudo – por determinado período de tempo.

Segundo Schmidt e Mahfoud (1993, p.294), “a Psicologia Social, entre outros objetivos, busca compreender os fenômenos sociais desde o ponto de vista da experiência do indivíduo em seu contexto sócio-cultural”. E uma via de acesso privilegiada à experiência do indivíduo é o relato oral. Porque, conforme esses autores, no relato oral, os elementos diversos e heterogêneos que dão corpo à experiência encontram uma forma única, singular e integrada de expressão e comunicação.

Podemos utilizar diferentes técnicas para ter acesso aos relatos orais – *Discurso Livre, História de vida, Depoimentos* – coletados por meio de entrevistas abertas, semi-dirigidas ou mais estruturadas, mas é muito enriquecedor iniciar a entrevista pelo *Discurso Livre*. Pois, através do *Discurso Livre* podemos identificar o que os sujeitos expressam como sendo mais significativo no momento da entrevista. Segundo Rodrigues, a opção pelo *discurso livre* permite “dirigir o menos possível o material produzido e ao mesmo tempo analisar a mensagem de um ponto de vista estrutural e profundo” (Rodrigues, 1978, p.53). Sendo o primeiro momento da entrevista, é o entrevistado que coloca o tempo, o ritmo e os temas que o mobilizam.

Outro recurso de entrevista que permite acesso a conteúdos profundos do indivíduo é a *História de vida*. Por meio da história de vida do indivíduo, podemos conhecer a história do tempo e do espaço em que ele vive. As histórias política, econômica, social e cultural aparecem de alguma

maneira nas histórias de vidas, em forma de perdas, angústias, conquistas, esperanças.

As particularidades de cada história compõem determinada história social e coletiva dos sujeitos em determinado momento e, mais especificamente, a história de um *grupo social* do qual o indivíduo faz parte. Mesmo sem ter consciência, o indivíduo pertence a determinado grupo social, embora muitas vezes não haja “pertença”, sentimento de *pertencimento*, de participação.

Nesse sentido, para entender a história de vida individual e coletiva, não necessitamos confrontar os discursos, porque não se trata de obter uma verdade totalizadora, mas sim compreender a pluralidade que compõe o conjunto de histórias. Compreendendo-se *por dentro* a história de cada um, percebemos parâmetros (compartilhados pelo grupo) por onde o sujeito constrói sua realidade e sua identidade.

Percebemos, pois, que a *história de vida* tem como base a *condição do grupo social*; assim, as biografias individuais devem ser entendidas a partir da *posição* que o indivíduo ocupa no espaço social. Daí a importância de o pesquisador conhecer as diversas posições sociais para perceber o complexo campo das relações sociais, a partir de diferentes lugares e olhares. Porque, dependendo da posição que o indivíduo ocupa, é possível captar a realidade de determinada maneira; e vivenciar e pensar situações impensáveis para pessoas que ocupam outras posições sociais.

Mas, se tanto o discurso livre quanto a história de vida se apresentam como modalidades de entrevista que permitem acessar conteúdos profundos, também é importante, em determinado momento, apreender alguns *dados* para se efetuar uma comparação mais quantitativa. Nesse sentido, dados como condição de escolaridade, ocupação, renda familiar, religião, estado civil, constelação familiar, mudanças (econômicas, culturais, migrações), que porventura não tenham aparecido por meio das outras técnicas de entrevista (vocacionadas a apreender mais o campo do universo simbólico ou sócio-cultural – as “disposições subjetivas” que expressam valores, crenças, percepções) podem ser coletados através de um roteiro de apoio. Também se pode utilizar questionário para realizar essa tarefa, mas mais qualitativamente esses *dados* podem ser colhidos por dentro da entrevista, também na forma de “narrativa”. Assim, essas informações podem ser obtidas com maior riqueza de dados. Ao invés de simplesmente se perguntar qual a religião do sujeito, e obter uma resposta formal e às vezes não verídica, podemos conhecer a história da religiosidade do indivíduo, as crenças, as mudanças de credo e suas repercussões em sua subjetividade. Da mesma forma, ao invés de simplesmente sabermos se o sujeito tem o ensino primário ou o ensino médio, podemos – através da narrativa – conhecer sua vida escolar, suas dificuldades passadas e seus anseios futuros. O mesmo vale para as informações sobre ocupações. Pela história de vida é possível entrar em contato com os

diferentes tipos de trabalhos realizados e com suas repercuções na formação do indivíduo. A recuperação desses dados pela memória traz a riqueza dos nexos cognitivos e afetivos que uma resposta direta a um questionário não permite alcançar. É no encadeamento próprio das falas que aparecem os sentimentos e os pensamentos relacionados com determinado evento. Mas o pesquisador pode fazer uso de um roteiro para ajudá-lo a não perder de vista certas questões quando aparecem em determinado momento da narrativa.

Agora, quaisquer que sejam as técnicas utilizadas, é fundamental o cuidado com a situação de entrevista.

#### *Observações sobre a situação de entrevista*

A situação de entrevista é um momento de encontro entre dois sujeitos, no qual as memórias são revividas e reconstruídas no momento em que são narradas, reelaboradas, sofridas. Podem ocorrer transferências e contra-transferências – conceitos emprestados da clínica psicanalítica – que facilitam ou bloqueiam a entrevista. Isso, porque a entrevista é um momento de unidade entre passado, presente e futuro; a origem e a esperança se presentificam e vêm à tona pelos trabalhos da memória. A origem, tal como entendemos, não é apenas geográfica, enquanto naturalidade, mas origem cultural e do grupo social; é a raiz do indivíduo que aparece por meio tanto dos conteúdos vividos como pela forma de representá-los.

Para que o encontro entre sujeitos ocorra de modo que permita vir à tona a realidade em sua complexidade, é importante que o pesquisador chegue à situação de entrevista conhecendo tanto quanto possível a realidade na qual o indivíduo a ser entrevistado vive. Nesse sentido, a pesquisa de caráter etnográfica mostra-se bastante interessante na medida em que, nesse caso, o pesquisador também vive a realidade a ser conhecida e interpretada. Nessa situação, os sujeitos podem ser abordados para a entrevista nos momentos em que se encontram disponíveis, durante as atividades cotidianas. A situação de entrevista nessas condições aparece de uma maneira menos artificial porque se encontra inserida na própria rotina do grupo.

De qualquer forma, vale a pena realizar a entrevista em vários momentos distintos, e não em apenas um momento único. Existem sujeitos que fazem longas falas no momento do *discurso livre* (alguns com duração de mais de uma hora), e eles próprios solicitam que a entrevista continue depois. Assim, pode-se ter contato com o mesmo sujeito em situações diferenciadas (de trabalho, de lazer, de humor) e conhecer o mesmo indivíduo de forma mais ampla e dinâmica.

Um dado relevante a ser colocado, quando tratamos de pesquisa qualitativa e em Psicologia Social, diz respeito à importância da pessoa do entrevistador. Quanto mais trabalho pessoal de compreensão do humano puder realizar, pesquisador respeite a cultura, a moral, a estética, os costumes do entrevistado, pois a própria pessoa do pesquisador

é julgada pelo entrevistado, e, de acordo com o grau de aprovação, o entrevistado se sente mais ou menos disponível à entrevista e mais ou menos confiante para revelar questões mais profundas ou mesmo sigilosas.

O entrevistado, especialmente o mais velho, percebe a concepção de homem e a visão de mundo do entrevistador, mesmo sem ter consciência da própria percepção. E, a partir do julgamento que faz, demonstra maior ou menor abertura para a entrevista. Analisa a seriedade do pesquisador e busca captar a intencionalidade do mesmo, se ele é “bom” e confiável. Na situação de entrevista isso tem a ver com *gratuidade*, com o interesse por assuntos que só interessariam ao próprio entrevistado. Também tem a ver com respeito, aceitação do outro e possibilidade de confiança.

E, para se estabelecer uma relação de confiança, é necessário um conjunto de elementos (sentimentos, pensamentos, motivações) que não é possível tratar aqui. Mas, além da já comentada importância do trabalho pessoal e humano do pesquisador, cabe apontar que o pesquisador deve ter um respeito profundo pela condição do outro, pelas suas experiências e histórias. Em um nível mais superficial (comportamental), é importante salientar que o pesquisador não deve realizar muitos movimentos físicos, especialmente no momento da entrevista, pois qualquer movimento interrompe o livre acesso à memória do narrador. E tudo é captado pelo entrevistado: o grau de interesse do pesquisador, a verdade com que ele demonstra interesse, os temas que mobilizam mais o entrevistador, e assim por diante. E sua fala aparece associada a suas percepções. Discursos podem ser ditos a fim de “agradar” o entrevistador, ao mesmo tempo que o indivíduo fala, também atendendo as suas próprias necessidades. É importante, portanto, estar atento ao fato de que, ao longo da entrevista, há trechos de “discurso adequado socialmente”, utilizados como forma de proteger-se de pessoas estranhas para não correr o risco de ser prejudicado de alguma forma. O sentimento de persecutoriedade pode mostrar-se bastante presente na situação de entrevista. Assim, o discurso manifesto pode ser aquele socialmente aceitável e o latente, o indizível, o improprio socialmente e que pode causar problemas, por isso, não é expresso. Daí a importância de termos ciência dos limites da entrevista, de um lado; e de outro, sabermos ouvir não apenas o que é dito, mas também os silêncios, que tanto podem significar desconhecimento quanto constrangimento, ou mesmo crítica. Também é preciso saber ver não apenas o *ato* (as ações do indivíduo e do grupo), mas também a *inação*, que pode significar tanto desinteresse quanto não aceitação, repulsa, crítica.

#### *Observações sobre análise e tratamento dos dados da pesquisa de campo*

Na pesquisa de campo em Psicologia Social é importante que o trabalho de análise e tratamento dos dados traga informações macro do campo – *sociológico*, *histórico-geográfico*, *político-econômico* –, e também

as próprias falas dos sujeitos.

Dentre os diferentes entrevistados, é interessante recuperar as entrevistas dadas pelos “narradores” presentes na comunidade. O conceito de *narrador* aqui utilizado é aquele desenvolvido por Walter Benjamin, pensador *frankfurtiano*, em *O Narrador*.<sup>2</sup> Por narrador entendemos, portanto, aquela figura – geralmente de mais idade – que conhece, compartilha e narra as histórias e experiências vividas pela comunidade. É alguém que “conhece as histórias e tradições de sua terra” (Benjamin, 1980, p.58). “O narrador colhe o que narra na experiência, própria ou relatada. E transforma isso outra vez em experiência dos que ouvem sua história” (Benjamin, 1980, p.60).

Por ser alguém muito especial e que viveu e conhece histórias de sua gente e também tem a capacidade única de contar tais experiências na forma de narrativa, a figura do narrador não é fácil de ser encontrada. Mas quando existe, geralmente é reconhecida e apontada pela comunidade.

Benjamin alertava sobre a *raridade* de se encontrar legítimos narradores: “Torna-se cada vez mais raro o encontro com as pessoas que sabem narrar alguma coisa direito. É cada vez mais freqüente espalhar-se em volta o embaraço quando se anuncia o desejo de ouvir uma história. É como se uma faculdade, que nos parecia inalienável, a mais garantida entre as coisas seguras, nos fosse retirada. Ou seja: a de trocar experiências” (Benjamin, 1980, p.57). E o narrador é aquela pessoa que sabe trocar experiências e narrá-las, ou seja, sabe estabelecer contatos profundamente humanos e tem um domínio da linguagem que o torna hábil em expressar as experiências compartilhadas e contar os relatos, na forma de narrativa. É alguém que bebeu da “experiência que anda de boca em boca”, e se diferencia de outros contadores de história por ser alguém que sabe recontar as histórias, mantendo a força e a verdade das experiências conhecidas pela coletividade.

Bosi (1987) e Schmidt e Mahfoud (1993) também trabalham com esse conceito. Segundo Bosi (1987, p.47), “todas as histórias contadas pelo narrador inscrevem-se dentro da *sua história*, a de seu nascimento, vida e morte” e “seu talento de narrar lhe vem da experiência; sua lição, ele extraiu da própria dor; sua dignidade é a de contá-la até o fim, sem medo” (Bosi, 1987, p.49).

A perspectiva da construção de um *campo sociológico*, primeiramente, permite o reconhecimento dos *narradores*, os *contadores de histórias*, conhecidos na região. E somente após suficiente tempo em campo, depois da realização de entrevistas preliminares, pode-se chegar a um contato com maior grau de confiança no campo e ir conhecendo os narradores, apontados pela própria coletividade. Mas, para que o encontro entre entrevistado e entrevistador seja um encontro entre sujeitos, e permita aflorar conteúdos profundos, é necessário que se busque aquilo que Pierre Bourdieu chama de *comunicação não violenta* (Bourdieu,

1993). Trata-se de buscar um contato humano no qual procura-se evitar a *violência simbólica*, da própria diferença de *habitus de classe* e da *posição social*. Nesse sentido, cabe apontar a importância de uma *escuta* que atenda não apenas aos objetivos imediatos da pesquisa, mas também às demandas do próprio sujeito entrevistado, que quer ser ouvido a respeito de questões próprias de sua vida, de problemas que o estão mobilizando naquele momento. Daí a importância de se iniciar a entrevista com a técnica do *discurso livre*, que permite ao entrevistado levantar os temas e problemas que ele quer desenvolver, no seu ritmo, no seu tempo.

A entrevista só alcança profundidade para além dos fatos, atingindo processos psicosociais vividos e recuperados nas memórias dos sujeitos, após certo período de convivência. É no convívio, sofrendo o cotidiano dos sujeitos, no trabalho do dia a dia, que a confiança vai sendo construída.

E, para preservar a força das palavras ditas na situação de entrevista, é importante buscar manter o máximo possível a linguagem, o ritmo e o espírito do entrevistado no momento em que realizamos o tratamento dos dados e o processo de textualização.

Embora o texto a ser elaborado pelo pesquisador deva ter um fio condutor, que via de regra visa explicar ou compreender algum fenômeno, e com esse objetivo estrutura os relatos, é fundamental estar atento para, nesse momento, não perder a riqueza do trabalho de campo ao recortar as entrevistas.

No processo de transcrição e organização das entrevistas, pode-se trabalhar a partir de dois parâmetros: o da *inteligibilidade*, de modo que a escrita comunique a fala do sujeito de uma forma comprehensível; e o da *preservação do código lingüístico*, evitando-se o enquadramento que impede a expressão e a construção lingüística viva, servindo apenas à dominação por um padrão de escrita, o erudito. Pode-se também optar por um trabalho que garanta a reprodução de quase a totalidade das entrevistas, evitando-se o recurso ao fracionamento do discurso que rompe o encadeamento da memória, para garantir a manutenção da força do campo.

Esse tipo de textualização evita a fragmentação das falas em busca de excertos para comprovar possíveis hipóteses do pesquisador; procura trabalhar com a entrevista como um todo, de forma mais qualitativa. Nessa perspectiva, pode-se recuperar praticamente uma entrevista com um narrador na sua totalidade, reproduzindo a complexidade da narrativa, com suas pausas, dúvidas e volições.

Nessa abordagem não se pretende trabalhar apenas o genérico, o comum a todos, mas também as particularidades, as diferenças; assim, busca-se falas que revelam não só pensamentos homogêneos, mas também o que diferencia, permitindo assim mostrar a complexidade do

campo, dos pensamentos e das relações, das representações e das ações, das crenças e dos valores, das atitudes e dos comportamentos.

### Referencial Teórico

Para se realizar o tratamento dos dados, sempre utilizamos algum referencial teórico que nos oferece certos parâmetros para a análise. Para pesquisas em Psicologia Social, os estudos do sociólogo Pierre Bourdieu trazem grande contribuição teórica e metodológica. A *Teoria da Ação*, de Pierre Bourdieu, desenvolvida especialmente em *A Economia das Trocas Lingüísticas* (1996a) e em *Razões Práticas – Sobre a Teoria da Ação* (1996b), traz elementos que enriquecem a análise dos discursos, das *representações* e das *práticas* dos agentes sociais. Oferece instrumentos conceituais que nos permitem articular as “*condições objetivas*” às “*disposições subjetivas*”, analisadas a partir de uma *estrutura* e de uma *conjuntura* nas quais os sujeitos constróem suas representações e práticas, revelados através de seu *habitus de classe*,<sup>3</sup> que traz ao mesmo tempo as *histórias de vidas* individuais e a *cultura* do grupo.

O *habitus de classe* diz respeito ao modo de viver e de ser dos indivíduos, e que revelam o grupo social ao qual pertencem. Bourdieu conceitua *habitus de classe* como:

(...) Sistemas de disposições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, isto é, como princípio gerador e estruturador das práticas e das representações que podem ser objetivamente “reguladas” e “regulares” sem ser o produto da obediência a regras, objetivamente adaptadas a seu fim sem supor a intenção consciente dos fins e o domínio expresso das operações necessárias para atingi-los e coletivamente orquestradas, sem ser o produto da ação organizadora de um regente (Bourdieu, 1983, pp.60-61).

Trata-se de uma categoria fundamental em sua elaboração teórica. É um conceito que retoma a noção aristotélica de *Hesis* – trazendo a noção de potência e ato, convertida pela Escolástica em *habitus* – para superar a noção estruturalista de “estrutura”, conceito estático, onde o agente é limitado ao papel de suporte – *trager* – da estrutura, e reduzido ao seu aspecto estruturado, determinado, já realizado e constatado. A noção de hábito tem esta marca, da estrutura, não permitindo evidenciar as capacidades atuais, potencialmente inventivas e criadoras. Daí hábito não ser uma boa tradução e o autor manter a terminologia *habitus*.

Ao propor a noção de *habitus de classe*, Bourdieu procura resgatar a “virulência” que o conceito propunha na sua origem, trazendo a noção de *potência*, ou seja, não apenas do existente, mas também da possibilidade do devir – do poder gerador. Assim, podemos pensar não apenas o provável, mas também o possível, não somente o realizado mas também o realizável.

Por meio desse constructo podemos alcançar as práticas e as representações dos sujeitos, pois o *habitus de classe* expressa concretamente a realidade dos indivíduos pertencentes a determinado grupo social, seus desejos, sonhos, seu *modus vivendi*. E conhecer o modo de viver de um grupo significa entrar em contato tanto com as regularidades e as identidades dos indivíduos, quanto com as diversidades e as diferenças.

Pelo *habitus de classe* de determinado grupo social conhecemos como vivem, trabalham, se alimentam, o cotidiano dos sujeitos, os processos de ressocialização, ou seja, a *cultura* do grupo social revelada por meio dos seus hábitos, costumes, atitudes e crenças, e identificáveis pelos seus discursos e práticas cotidianas. O conceito de *habitus* é portanto estruturante, instituinte, e não apenas estruturado, instituído. O *habitus* funciona a cada momento como uma *matriz de percepções*, de *apreciações* e de *ações*; e viabiliza a apreensão das *estruturas estruturadas* e das *estruturas estruturantes*.

Segundo Bourdieu (1996a), o *habitus lingüístico* expressa o *habitus de classe*: o que se exprime através do *habitus lingüístico* é todo o *habitus de classe* do qual ele constitui uma dimensão, ou seja, de fato, a posição ocupada sincrônica e diacronicamente na estrutura social. Assim, os diversos sentidos de uma palavra se definem na relação entre o núcleo invariável e a lógica específica dos diferentes mercados (lingüísticos). Não existem palavras neutras. As palavras expressam sentidos diferentes, por vezes opostos segundo as classes. A proposta de Bourdieu é fazer análise do *habitus lingüístico* e não análise do discurso, deslocado das relações sociais, como exercício abstrato-formal. E não somente fazer análise do *habitus lingüístico* (dos discursos e representações), mas analisar as práticas sociais observadas no cotidiano do grupo social; ou seja, fazer análise do *habitus de classe* de um grupo social, através de seus sujeitos componentes.

Através das entrevistas de campo pode-se reconhecer que há, por trás das aparentes formas singulares de existência, uma certa uniformidade entre as formas de existir de uma determinada classe, que tem uma história específica em um determinado momento histórico. Circunscrito a um determinado espaço social, onde se desenvolve determinada cultura, também encontramos uma determinada forma lingüística de expressão. Assim, a partir do aprofundamento na história de vida de determinadas pessoas, se conhece toda uma história de um grupo, em uma região. As falas dos indivíduos podem ser entendidas como falas construídas por um sujeito que vive em determinado grupo social e a partir da *posição diferenciada* que ele ocupa dentro do grupo.

As relações sociais se dão de uma certa forma quando se pertence a um determinado grupo social, dentro de uma estrutura social. Elas revelam o *habitus de classe* desse grupo. Nesse sentido, é problemática a análise de um

indivíduo isolado das relações sociais. Devemos compreender os indivíduos inseridos nas relações em que vive, no seu mundo histórico, político, cultural, psicológico. Por isso, pela análise do indivíduo conhecemos o grupo social a que ele pertence e a sociedade onde ele vive, a partir da posição que ele ocupa nesse grupo e nessa sociedade. A história do sujeito traz, portanto, a história do tempo do mundo – tempo histórico – onde ele vive, e pelas histórias de vida de alguns sujeitos podemos conhecer um pouco da história da sociedade na qual eles vivem.

As relações entre os níveis político-econômico (infraestrutural, macro-social ou das “determinações objetivas”) e os níveis sócio-culturais (superestruturais, do campo do “simbólico” ou das “disposições subjetivas”) podem ser operacionalizadas através da teoria bourdieuniana, e aproximada de uma leitura psicossocial através dos trabalhos de memória, dos psicólogos sociais Bosi (1987), Halbwachs (1990) e Schmidt (1994), que possibilitam articulação entre memória individual e memória coletiva. Maurice Halbwachs, em *A Memória Coletiva*, trabalha a “realidade subjetiva” do grupo social através das memórias individuais dentro do “grupo de referência”, onde os indivíduos vivenciam as experiências e constróem a memória coletiva. Os conceitos de memória coletiva, de Halbwachs, e de habitus de classe, de Bourdieu, permitem a articulação dos discursos e das práticas no campo da memória lembrada, que engendram práticas, que se fazem memória.<sup>4</sup>

Toda lembrança da história de vida dos indivíduos é, de certa forma, lembrança da história grupal, social. Daí que estudar a história de indivíduos pertencentes a um grupo social é estudar a própria história do grupo. É preciso também apontar que os trabalhos da memória não têm compromisso com a verdade “oficial”, hegemônica. A memória tem sua lógica própria. Nela não encontramos apenas o “belo” e o “bom”; também encontramos fantasmas, o indizível, o inefável. Na memória, encontra-se a si próprio, encontram-se as antimemórias. Elas também fazem parte da memória, que além da sua face consciente, suportável, racionalizada, permitida socialmente e autorizada psiquicamente pelo próprio sujeito – com suas censuras, seus desejos de admiração, de reconhecimento, de aceitação; carrega também uma face mais sombria, não tão admissível socialmente, e por isso mais sonegada, evitada, recalculada.

### Considerações Finais

Esperamos, com o presente artigo, ter trazido observações teórico-metodológicas que possam oferecer alguma contribuição para a realização de pesquisas em Psicologia Social. Tratam-se de algumas anotações que consideramos relevantes para pesquisadores que realizam pesquisas qualitativas, e especialmente para aqueles que se propõem fazer pesquisa de campo.

Trazemos também uma discussão teórica sobre a relação indivíduo-grupo-sociedade – tema próprio à Psicologia Social, a partir de alguns conceitos teóricos de Bourdieu; pois o autor, por meio de uma categoria – *habitus de classe* – nos permite perceber nos indivíduos pesquisados a sociedade que habitam, com a mediação do grupo social a que pertencem.

A partir das entrevistas, podemos reconhecer que há, nas formas singulares de relatos, ao mesmo tempo um discurso próprio e também comum ao grupo social, onde os indivíduos têm uma história específica e também coletiva, compartilhada. E em determinado momento histórico, circunscrito a um determinado espaço social, desenvolvem e criam uma determinada *cultura* e uma determinada forma lingüística de expressão. E essa *cultura* pode ser identificada a partir das práticas e representações dos indivíduos, dos seus *modus vivendi*.

O *modus vivendi* se expressa no cotidiano. E, no cotidiano, entramos em contato com as diversas formas de viver, de habitar, de alimentar-se, de agir no mundo. Daí, a riqueza da pesquisa de caráter etnográfico, na qual o pesquisador habita o campo e pode estabelecer relações, e ir além da simples coleta dos discursos. Nessa perspectiva investigativa, torna-se possível aprofundar a compreensão da relação entre o *habitar* e o *ser*. Permite compreender melhor, portanto, certo modo de viver. E, por meio da reconstituição das histórias de vida (pelos relatos orais) e da reconstrução das próprias vidas (na prática cotidiana) podemos compreender os processos psicossociais implicados.

Por fim, apenas a título de considerações finais, gostaria de trazer uma reflexão sobre a dimensão ética da pesquisa acadêmica. Nesse tipo de trabalho – qualitativo e de campo – elas não devem ser dimensões paralelas à pesquisa: são partes constituintes da própria pesquisa. A esfera de atitudes do pesquisador é fundamental. Daí termos reservado uma parte importante desse artigo à discussão sobre a situação de entrevista. As dimensões éticas devem estar presentes, inerentes ao corpo da pesquisa, desde a sua concepção, até a fase de tratamento dos dados, ou melhor, até a finalização e publicação da pesquisa. Deve ser presente para o pesquisador e manifestar-se em todo o procedimento da pesquisa e não como uma reflexão à parte. As próprias escolhas do investigador relativas as modalidades de entrevista, ao referencial teórico, e assim por diante devem estar pautadas pela reflexão/postura ética.

Muitas outras observações poderiam ser levantadas, especialmente quando tratamos de pesquisas em Psicologia Social, campo de investigação em construção e repleto de problemas a serem desenvolvidos. Grandes são os desafios a serem enfrentados teórica e metodologicamente por nós, pesquisadores e psicólogos sociais. Nesse momento, esperamos ter dado algum passo nessa direção.

## Notas

1. Optamos por realizar, nesse artigo, uma discussão mais ampla sobre questões teórico-metodológicas relativas à pesquisa de campo; nesse sentido, embora as observações/reflexões tenham partido de uma pesquisa que originou a Dissertação de Mestrado, não relatamos essa pesquisa propriamente dita. Quando mencionada, tem meramente a função de exemplificação de um caso.
2. Benjamin afirma que o narrador conhece as histórias e tradições de sua terra: “A narrativa, da maneira como prospera longamente do círculo do trabalho artesanal – agrícola, marítimo e depois urbano – é ela própria algo parecido a uma forma artesanal de comunicação. Não pretende transmitir o puro ‘em si’ da coisa, como uma informação ou um relatório. Mergulha a coisa na vida de quem relata, a fim de extraí-la outra vez dela. É assim que adere à narrativa a marca de quem narra, como à tigela de barro a marca das mãos do oleiro” (Benjamin, 1980, pp.62-63). O narrador nos ensina, entra na categoria dos professores e dos sábios, dá conselhos.
3. O conceito de *habitus de classe* aparece desenvolvido em toda sua obra. Vale a pena aqui destacar alguns estudos – Bourdieu (1983, 1992, 1996a, 1996b).
4. Não cabe nesse momento, pelos objetivos desse artigo, desenvolver essa questão. Por isso, apenas deixamos apontada essa interessante articulação teórica.

## Referências

- Benjamin, W. (1980). O narrador: observações sobre a obra de Nikolai Leskow (M. Carone, Trad.). Em Grünnewald, José Lino et al. (Org.), *Textos Escolhidos / Walter Benjamin, Max Horkheimer, Theodor W. Adorno, Jürgen Habermas*. (p.57-74). São Paulo: Abril Cultural. (Os Pensadores; 48) (Original publicado em 1969).
- Bosi, E. (1987) *Memória e sociedade: lembranças de velhos* (2ª ed.). São Paulo: Edusp.
- Bourdieu, P. (1983). *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero.

- Bourdieu, P. (1992). *A economia das trocas simbólicas* (3ª. ed.) São Paulo: Perspectiva.
- Bourdieu, P. (1993). *La misère du monde*. Paris: Seuil.
- Bourdieu, P. (1996a). *A economia das trocas lingüísticas: o que falar quer dizer*. São Paulo: Edusp.
- Bourdieu, P. (1996b). *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas, SP: Papirus.
- Halbwachs, M. (1990). *A memória coletiva*. São Paulo: Ed. Vértice. (Original publicado em 1950), 89-100.
- Schmidt, M.L.S. & Mahfoud, M. (1993) Halbwachs: memória coletiva e experiência. *Psicologia-USP*, 4(1/2), 285-298.

*Stella Narita* é Psicóloga e Mestre em Psicologia Social pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IP-USP), Bacharel em Filosofia pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), Especialista em Saúde Coletiva pelo Instituto de Saúde da Secretaria da Saúde de São Paulo (IS-SES/SP), Doutora pelo Programa de Pós-graduação em Integração da América Latina da Universidade de São Paulo (PROLAM-USP).

O endereço para correspondência com autora é:  
Rua Corinto, 543, apto 16A – CEP 05586-060 Vila Indiana, São Paulo, SP

## Notas de Pesquisa de Campo em Psicologia Social

Stella Narita  
Recebido: 12/08/2005  
1ª revisão: 23/04/2006  
Aceite final: 16/06/2006